CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
20 de Setembro de 2022
JOÃO BOTELHO: FILMES SÃO HISTÓRIAS,
O CINEMA É O MODO DE AS FILMAR

FILME DO DESASSOSSEGO / 2010

Um filme de João Botelho

Argumento: João Botelho a partir de "O Livro do Desassossego", de Fernando Pessoa (publicado em 1982) / *Diretor de fotografia (digital, cor):* João RibRuieiro / *Cenários e figurinos:* Silvia Grabowski / *Música:* António Pinho Vargas (a ópera "Marcha Fúnebre para o rei Ludwig II da Baviera"7, com libreto de João Botelho, interpretada por Angélica Neto e Elsa Cortes); "Les Deux Guitarres", de e por Charles Aznavour; "Toca-me suaves olhos" (Dio Clemente), por Carminho; "Não se subordinar a nada", de e por Timóteo dos Santos (NBC); "Serei sempre da rua dos Douradores" (Paulo Abelho e João Eleutério), por Ricardo Ribeiro; "Criador de argonautas", de e por Lula Pena; "Sopro e sonho", de e por Caetano Veloso; Afonso X, o Sábio ("Cantiga de Santa Maria", pelo Coro Infantil da Universidade de Lisboa); Brahms (Duplo Concerto para violino e violoncelo), Mozart (Quarteto "das dissonâncias"); Bartok (Quarteto nº 5) / *Montagem:* João Braz / *Som:* Paulo Abelho / *Interpretação:* Cláudio da Silva *(Bernardo Soares)*, Pedro Lamares *(Fernando Pessoa)*, Ricardo Aibéo *(o dono do bar)*, Suzie Peterson *(a empregada do bar)*, Manuel João Vieira *(o bêbedo corpulento)*, Sérgio Grilo *(o bêbedo franzino)*, Sofia Leite *(a mulher de verde)*, Cláudia Clemente *(a mulher de vermelho)*, Marcello Urgeghe *(Moreira/Luís II da Baviera)*, Catarina Wallenstein *(a educadora sentimental)*, André Gomes *(o homem de gravata rosa)*, Miguel Moreira *(o homem nu)*, Mónica Calle *(a mulher nua)*, João Barbosa *(o chefe de mesa)*, Graciano Dias *(o empregado de mesa)*, Ana Moreira *(a rapariga pálida)*, Alexandra Lencastre *(o centro de mesa)*, Rita Blanco e Rui Morrison *(um casal de clientes no restaurante)*, Miguel Guilherme *(o homem da gramática)*, Sofia Marques, Laura Soveral e Paulo Filipe *(três pobres na fila da sopa)*.
Produção: Alexandre Oliveira para Ar de Filmes / *Cópia:* digital (suporte original) / *Duração:* 123 minutos / *Estreia mundial:* 29 de Outubro de 2010 / *Primeira apresentação na Cinemateca*.

****

É quando um texto nos resiste que sabemos que é bom.
Jean-Marie Straub

Filme do Desassosego é possivelmente o objeto cinematográfico mais ambicioso a ter sido realizado por João Botelho à data de hoje e ele esteve à altura do desafio que se deu: *"filmar o infilmável"*. Filmar a palavra - e que palavra, os extraordinários e esparsos fragmentos que formam o *Livro do Desassossego*, aos quais Botelho conseguiu dar forma narrativa, sem enfraquecer ou ocultar o alcance e a imensa beleza dos excursos que compõem o texto. Quase trinta anos antes, ao fazer a sua primeira longa-metragem, **Conversa Acabada**, Botelho pusera a palavra no centro de tudo e no **Filme do Desassosego** ela continua no centro de tudo, porém num dispositivo formal menos austero e abstrato, o que envolve o espectador não apenas a nível intelectual, mas também emocional. Botelho mergulha na aventura do texto de modo semelhante ao que o seu Bernardo Soares, heterónimo e *alter ego* de Fernando Pessoa, se lança pelos espaços de Lisboa, abandona-se às aventuras do imprevisto, às surpresas reservadas por uma errância noturna num espaço urbano, embora nem toda a "ação" do filme seja noturna. Como em toda aventura, nesta há riscos e descobertas. Seis anos depois de **Conversa Acabada**, Botelho declarava numa entrevista: *"Gosto da distância, da atração e repulsão. E acho que o futuro do cinema é cada vez mais a palavra. O cinema, para mim, tem que ver com a verdade e a imagem é ilusória. A palavra está cada vez mais perto da verdade, é uma gravação que é transmitida, não é a ilusão de nada. O cinema tem de respeitar a palavra"*. Doze anos depois destas declarações, ao mergulhar no *Livro do Desassossego* sem se afogar, ele observou que passara *"a usar a palavra como matéria e o texto como personagem"*: no **Filme do Desassosego**, na dualidade entre as palavras e as coisas, as palavras são coisas e não o contrário.

No texto de Pessoa este imagina que encontrava Bernardo Soares numa pequena casa de pasto, que ambos frequentavam e onde Soares, que *"não tendo para onde ir nem que fazer, nem amigos que visitasse, nem interesse em ler livros, soía gastar as suas noites, no seu quarto alugado, escrevendo também"*, deu-lhe a ler o seu texto, que pode ser aproximado de um diário íntimo, em que são apontadas observações, reflexões e digressões. Botelho toma esta ideia ao pé da letra na sequência de abertura, núcleo do périplo que se segue. Depois de um genérico-preâmbulo, tudo começa precisamente num café ou tasca, modernas designações de *casa de pasto*, onde Fernando Pessoa (sem bigodinho, para fugir aos clichés) e Bernardo Soares, figuras excêntricas e toleradas naquele cenário, estão sentados lado a lado. Estamos no presente, em 2010, e o contraste entre aquele espaço (onde um grupo de snobs vem se acanalhar com ar sobranceiro, acabando por ser dali expulso violentamente, numa vingança de classe) e o texto de Soares/Pessoa dá o tom do filme. A palavra escrita por Pessoa passa a ser dita em voz alta, passa do silêncio ao som e constitui a quase totalidade dos diálogos e monólogos do filme, em cenários e contextos que são o da Lisboa contemporânea, o que permite ao espectador vislumbrar e reconhecer *en passant* classes e relações de classes no Portugal do século XXI. Tudo é dito sem ênfase teatral, não no tom de uma leitura erudita de um "grande texto", mas como se fossem simples diálogos de um filme realista. É esta a aposta central do filme, perfeitamente conseguida. Nas ruas de Lisboa, no quarto de Bernardo Soares, no quarto de um casal que está cama, à beira do Tejo, onde uma mulher empurra um baloiço onde está o seu filho, num grande restaurante, num funeral, numa igreja, diante de uma manifestação política no Rossio, no metro, na sopa dos pobres, numa ostensiva festa de ricos, na repartição onde trabalha Bernardo Soares, num bar de prostitutas, em todos estes e outros espaços reconhecíveis da Lisboa do século XXI (justo antes da colonização pelo turismo e das suas consequências), todos enunciam com naturalidade trechos do *Livro do Desassossego*: Bernardo Soares, empregados e clientes de um restaurante, mulheres num bar de alterne, mendigos, homens e mulheres sem-abrigo. Os episódios são breves, são etapas no périplo de Bernardo Soares, que mesmo em presença e na companhia de outros está sempre sozinho, ou antes, consigo mesmo e com a palavra de Pessoa. São exceções no que refere a brevidade dois trechos em que ele está ausente da imagem: a ópera intercalada na ação, especialmente escrita para o filme (cerca de doze minutos) e o monólogo dito por Catarina Wallenstein num bar de prostitutas, estando ela própria caracterizada como prostituta (cerca de oito minutos), durante o qual Botelho consegue dar ao espectador a impressão de assistir a um plano-sequência (o que confirma a sua ideia de que *"a imagem é ilusória"*). No **Filme do Desassosego** as imagens nunca são uma ilustração do texto, servem-lhe de contraponto. Os monólogos podem ser ditos em *on* ou em *off*, o que inflete sutilmente o seu sentido. Neste filme sobre a palavra em língua portuguesa esta não se limita a Fernando Pessoa, alarga-se momentaneamente a outros territórios: um fado cantado *a capella*, uma canção de Caetano Veloso, outra de Lula Pena, um breve trecho do *Livro do Desassossego* dito em ritmo de *rap* por um empregado de cozinha negro enquanto corta uma lagosta. Estes são outros tantos exemplos no filme do *"movimento hierático da nossa clara língua majestosa, aquele exprimir das ideias nas palavras inevitáveis, correr de água porque há declive, aquele assombro vocálico em que os sons são cores ideais"* que levou Bernardo Soares/Fernando Pessoa a uma profunda comoção ao ler, em criança, um trecho de António Vieira, o que também sucede ao espectador em várias passagens de **Filme do Desassosego**. No desenlace, pouco antes do espectador sair do filme, voltamos à tasca do início, como se tudo tivesse sido um devaneio do próprio Fernando Pessoa: Bernardo Soares, ficção literária, deixa de existir, esvai-se no ar e o Pessoa de 2010 entra num táxi com um manuscrito que é não é dele.

Antonio Rodrigues